

AÇÃO CULTURAL DE CRIAÇÃO SABERES E FAZERES DA MATA ATLÂNTICA: A METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA ONG CURICACA

Patrícia Vianna Bohrer¹, Alexandre José Diehl Krob², Julia Rovená Witt³, Renata Caron Viero⁴,
Luana Osório Frantz³

xankrob@curicaca.org.br, pabohrer@curicaca.org.br, curicaca@curicaca.org.br

Oficina: EDUCACIÓN AMBIENTAL, SU CONSTRUCCIÓN DESDE LOS MOVIMIENTOS
SOCIALES

RESUMO:

Neste trabalho focalizamos a reflexão sobre a ação cultural de criação *Saberes e Fazeres da Mata Atlântica*, metodologia que tem sido utilizada e aprimorada desde 1997 como estratégia de educação ambiental e de ações coletivas da ONG Curicaca. Buscamos evidenciar o processo de construção dessa Ação, desde sua primeira experiência a ação cultural de criação “Nossos Retratos – fotografias de álbuns de família”, à análise dos seus desdobramentos atuais, referenciando-a na pedagogia freiriana, nos estudos sobre ação cultural de criação de Teixeira Coelho, na Nova Museologia e na educação pela arte e pela ludicidade. Por fim, destacamos a necessidade de um práticas educativas que liguem o conhecimento científico e o saber popular, explorando o afeto, a identificação e a apropriação, apontando a ação cultural como uma alternativa para processos sistêmicos e auto-transformadores de educação e cultura.

Texto da comunicação

Toda experiência educativa imersa na realidade apresenta riquezas que ultrapassam nossa compreensão imediata. As reflexões que apresentamos neste trabalho não são conclusivas, mas são decorrentes de um processo constante de idas e vindas, da prática para a teoria e da teoria para a prática, estabelecendo a cada passo novas conexões. Refletir e sistematizar o que aprendemos é importante para nos apropriarmos dos resultados, indicar os caminhos para novas ações e estabelecer a comunicação com outras iniciativas. Além disso, como afirma a psicanálise, a verbalização permite uma compreensão maior das experiências, a cada narrativa, conseguimos perceber e produzir novos sentidos para nossas ações. Por isso, é especialmente necessário ao

¹ Artista plástica, Coordenadora de Educação Ambiental e Cultura do Instituto Curicaca:
<http://www.curicaca.org.br>

² Agrônomo, Coordenador Técnico do Instituto Curicaca

³ Bióloga, educadora ambiental do Instituto Curicaca

⁴ Estudante de biologia, estagiária em educação ambiental no Instituto Curicaca

crescimento interno de cada educador e ao projeto pedagógico em ação. No Instituto Curicaca a sistematização constante da prática tem sido um grande aprendizado. A evolução da ação cultural de criação como uma metodologia própria da instituição passa por esse processo permanente de investigação e interpretação de seus significados, valores e sentidos, assim como pelas readequações e redefinições de seus fundamentos, estratégias e direcionamentos, aprendendo com os sucessos e principalmente, com as dificuldades e conflitos.

A ação cultural de criação como metodologia própria da ONG Curicaca iniciou em 1997 de forma empírica associada ao Projeto de Desenvolvimento Sustentável realizado na região dos Campos de Cima da Serra. Assim como trabalhávamos com os adultos da comunidade de entorno do Parque, com as crianças estávamos aplicando diversas formas de articulação entre o conhecimento de si mesmo e do ambiente. Promovíamos o fortalecimento de grupos, a expressão e a reflexão, através de oficinas e encontros regulares na cidade de Cambará do Sul e em visitas aos Parques Nacionais e áreas de preservação da região. Ao final de dois anos inauguramos uma exposição a partir das fotografias dos álbuns de retratos das famílias da comunidade que se denominou “Nossos retratos: fotografias de álbuns de famílias” (BOHRER,2002). Organizada a partir das fotografias pessoais das décadas de 1930-1940, a exposição revelava os valores afetivos, políticos, sociais e culturais implícitos nas imagens. Inspirada nas experiências dos museus contemporâneos, particularmente a ação educativa do The Art Institute of Chicago, o conteúdo da exposição era apresentado de forma lúdica, pedagógica e interativa. Na leitura das imagens articulavam-se experiências, afetos, e desafetos de quem as observava. Com isso, estávamos mexendo com temas importantes para a comunidade como a identificação e a auto-estima. Ao final da exposição, percebemos que ela estava interligada a outras ações de mesma importância como a revitalização de uma antiga casa que a abrigou, apresentações e performances ocorridas neste espaço, oficinas de fotografia, o concurso para dar um nome ao local e outras iniciativas de desdobramento dos professores e de pessoas da comunidade. Percebemos então, que no conjunto, tratava-se de uma ação cultural de criação.

Teixeira Coelho classifica dois tipos básicos de ação cultural: a “ação cultural de serviços” e a “ação cultural de criação”. A primeira tem por objetivo um consumo, a venda de um livro, espetáculo ou qualquer outra expressão cultural. É também chamada de “animação cultural” e animar, para o autor, significa apenas movimentar aquilo que estava parado, sem, contudo, modificá-lo substancialmente. Trata-se de ações de cunho superficial e passageiro. A segunda, ao contrário, propõe-se a desenvolver as relações entre as pessoas e o objeto da ação e das pessoas entre si, para que estas possam “participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas das outras por meio da invenção de objetivos comuns”. Uma ação cultural pode partir de um evento, um espetáculo, uma exposição, uma ação pública, ou o que quer que mobilize as pessoas através da cultura. Mas o termo “criação” não se refere à construção física de

uma obra e sim, às possibilidades que permitirão “a apreensão mais larga possível do universo da obra e a ampliação dos universos pessoais”. Portanto, ela não é um programa com objetivos fixos, mas um processo interativo, aberto para a criação, capaz de oportunizar condições de diálogo, de reflexão e de construção de sentido. A partir dela deve-se criar os meios e oportunidades de desdobramento, de modo que as pessoas possam refletir seu fazer, contextualizando suas ações. Inverte-se a posição passiva de público consumidor para agente de sua própria cultura. Como um campo elástico, a ação cultural deve estar aberta para o imprevisto, incorporando as iniciativas e situações emergentes compatíveis a ela. (COELHO, 1999).

Essa concepção de processo coletivo proveniente do campo da cultura servia perfeitamente para nortear o tipo de ação que estávamos empreendendo junto às comunidades, evoluindo valores culturais e buscando propostas capazes de ao mesmo tempo promover o sentido de continuidade e identidade, diversidade e criatividade humana.

Curiosamente, o conceito de ação cultural de Teixeira Coelho vinha de encontro às idéias de Paulo Freire, que já orientavam nossas ações, no que ele chamou também de ação cultural, mas para a liberdade ou para a libertação (FREIRE, 1984). Na ação cultural para a liberdade, através da educação, deve-se despertar a reflexão crítica e a capacidade criadora das pessoas e estimular seu envolvimento nos processos culturais, sociais e políticos nos quais estão inseridos. Propõem-se a transformação dos seres humanos em sujeitos de seus processos de vida. A leitura de Freire ilumina muitos aspectos do trabalho com a educação ambiental, como a valorização do saber do outro, a compreensão profunda do diálogo, o respeito às diferenças e à troca de saberes, o entendimento de cultura como processo em movimento, a importância de preservarmos nossos sonhos e ideais, com utopia e esperança, a atenção às relações de domínio e, especialmente, a compreensão de que a existência humana não pode ser silenciosa, que a comunicação e a expressão de nossa subjetividade é um caminho para a transformação de uma sociedade mais justa e mais sensível (FREIRE, 1984, 1999, 2000, 2001).

Entre seus ensinamentos, procuramos estar especialmente atentos para evitar a ideologia “domesticadora” que vê os indivíduos como consciências a serem trabalhadas, um “espaço vazio que deve ser enchido”. Pela ação cultural, procuramos valorizar o quanto aprendemos como educadores na oportunidade do diálogo, nos transformando e criando as relações construtivas e necessárias para a transformação. Como entende o autor, na prática educativa o mais importante é fornecer os meios para que as pessoas possam pensar e agir por si só e oportunizar a expressão de cada criança, de cada grupo social. Como dizia Freire, transformar o mundo e transformar-se significa “impregná-lo de sua presença criadora”, deixar através da arte e da cultura, “as marcas de seu trabalho”, pois “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”. (FREIRE, 1980).

Analisando os *círculos de investigação* propostos na pedagogia do autor, fica muito claro o significado das intervenções *com* as comunidades e não *para* elas, pois, quanto mais uma ação cultural for construída no coletivo, maiores e mais profundos serão seus efeitos.

Assim, na combinação dos campos da cultura e da educação popular e analisando a experiência prática da ação cultural de criação Nossos Retratos, tema de mestrado (BOHRER, 2002), concluímos que estávamos construindo uma metodologia própria de ação. Na sua base está a troca de conhecimentos, a revitalização de culturas, o fortalecimento da expressão, da afetividade e da auto-estima dos grupos envolvidos. A ação cultural de criação Nossos Retratos, por lidar com a própria imagem das pessoas, adquiriu um caráter muito emblemático para nós, pois o rosto facilmente denota identidade das pessoas e a ligação que temos por elas. Assim, foi possível perceber que nos Nossos Retratos haviam se delineado três estratégias que consideramos fundamentais em uma ação cultural de criação: o olhar-afeto, o olhar-identificação e o olhar-apropriação.

O olhar-afeto representa vínculo, emoção, sensibilidade e experimentação que permite o envolvimento prazeroso das pessoas com a ação cultural. É a força mobilizadora de toda criação que gera a identificação com o trabalho.

O olhar-identificação, por sua vez, representa as oportunidades de tornar visível os significados que estruturam a vida coletiva: as formas de viver, pensar e sentir, os lugares e as coisas que são importantes para a comunidade, possibilitando reconhecimento e fortalecendo a auto-estima e o sentido de pertencimento.

Por fim, o olhar-apropriação significa criar as oportunidades e condições para que as pessoas passem a atuar cada vez mais como autores de seus processos educativos, sociais e culturais, estimulando a criação e retro-alimentando a ação.

Em 2001/02, envolvemo-nos com a criação do Parque Estadual de Itapeva numa das regiões de maior riqueza biológica e cultural do Rio Grande do Sul. Nossa experiência no entorno de Unidades de Conservação causou demandas para esta outra região, e com recursos próprios da Curicaca e apoio institucional da prefeitura de Torres, iniciamos uma aproximação com as escolas e a educação ambiental na região. O projeto foi construído entre a ONG, estudantes da UFRGS e a comunidade do entorno do Parque. Em 2005, definiu-se como tema gerador a interconexão natureza e cultura, conhecimento científico e saberes populares, buscando a valorização da diversidade biológica e cultural, por isso: *Saberes e Fazeres da Mata Atlântica*. Nela, a identificação se projeta na valorização do patrimônio cultural e natural, destacando-se o conhecimento popular. O afeto está presente no prazer dos encontros, na expressão pela arte e no fortalecimento de valores entre as crianças e os professores que formam sua própria rede. A apropriação aparece nas iniciativas e desdobramentos das escolas envolvidas. Foram motivos

para escolha da região de Itapeva: a possibilidade de atuar em conservação da biodiversidade na área mais importante da Mata Atlântica no RS, reconhecida como extrema prioridade nacional; a valorização do patrimônio cultural e sua relação com a natureza numa região culturalmente rica: populações pré-históricas, indígenas, quilombolas, colonizadores e tropeiros e a existência do mais complexo mosaico de Unidades de Conservação no Rio Grande do Sul que juntas protegem diferentes ecossistemas.

As condições de sua criação, porém foram muito diferentes e exigem o trabalho simultâneo com 5 municípios: Torres, Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul e Mampituba. Nesse novo trabalho, queríamos manter os princípios do diálogo, da criatividade e da expressão coletiva evoluindo esses potenciais com as turmas de estudantes. Não tínhamos um local fixo para as atividades e era importante para nós oferecer algo que fosse ao mesmo tempo motivador e estimulante que desenvolvesse o conhecimento das questões ambientais, mas com sensibilidade, responsabilidade e crítica. Para isso foi muito útil a introdução de elementos da museologia tanto conceituais quanto práticos. Da Nova Museologia, movimento que surgiu no final da década de sessenta em Paris como uma crítica à passividade e ao elitismo da museologia tradicional, por exemplo, nos inspiramos no conceito de ecomuseu, formalizado por Georges Henri Riviére. É o museu construído com e para a comunidade, dentro de uma visão crítica e transformadora que redefine o patrimônio cultural acima dos objetos e das representações de poder, provocando processos de conscientização e de autogestão. São propostas que religam as pessoas no seu meio ambiente e que devem partir de um desejo legítimo de auto-conhecimento e reconhecimento das populações, estabelecendo a ligação entre gerações precedentes e posteriores. Apóia-se na valorização do patrimônio vivo, tanto natural quanto cultural, material ou imaterial, fortalecendo e evidenciando suas inter-relações. Pensando nisso, foi idealizado um sistema itinerante entre os municípios da região, ocupando áreas dos Parques Estaduais e Municipais, reservas, propriedade particulares e espaços de importância cultural para as comunidades. Assim, a Ação funciona como um museu a céu aberto recebendo crianças e professores no local dos encontros. A exemplo das ações educativas nos museus contemporâneos, passamos a utilizar formas mais interativas, inovadoras, estimulantes e interdisciplinares de apresentação dos temas geradores, porém com uma orientação pedagógica na qual a expressão pela arte e pela ludicidade tem um papel muito importante no aprendizado e no fortalecimento dos grupos. Introduzimos as experiências das Dinâmicas e Jogos Cooperativos com grande significado nos resultados dos trabalhos e estamos aprofundando o papel da arte no fortalecimento de grupos com pesquisas no campo da Arte-terapia de influência junguiana.

A ação cultural constitui-se, portanto, em uma ação integral, um processo instigante para seu público, seus agentes e educadores que por meio do conhecimento interativo, atividades lúdicas, de contato com a natureza e com lugares de destaque na região, busca uma visão mais

global dos fenômenos, a valorização do ser, do coletivo e do meio ambiente. Ela vem recebendo apoiadores financeiros e inúmeros parceiros, tendo se mantido em funcionamento por cinco anos num encadeamento contínuo de cooperações.

Seu conteúdo é organizado em módulos semestrais e para cada um deles, de forma participativa, é definido o tema gerador, desenvolvida pesquisa, criado instrumental interativo itinerante e material pedagógico, definidas as trilhas interpretativas, preparado o espaço físico de apoio às atividades, definida a agenda com as escolas e realizada ação educativa com os professores. Todo material é criado e produzido pelo Instituto Curicaca, fruto de uma pesquisa da equipe integrando as áreas ambiental, cultural, pedagógica e de comunicação. Os módulos abordam de forma transdisciplinar temas como: “microcorredores ecológicos e a diversidade biológica”; “unidades de conservação”; “interdependência entre natureza e cultura”; “arqueologia e antropologia da região”; “lagoas costeiras”. São priorizadas as escolas próximas aos corredores ecológicos e as secretarias de educação parceiras fornecem o transporte das crianças e professores até o local dos encontros. Seu caráter itinerante, rodando entre os cinco municípios atualmente envolvidos permite vivências e percepções regionais. Os painéis interativos são também expostos em eventos locais, proporcionando o acesso à comunidade. Todo o processo é reforçado nas reuniões com os pais e pela mídia própria (informativo/folhetos) e oportunista (release). Preliminarmente a cada módulo da Ação os professores participam de uma ação educativa, conhecendo o local dos encontros, experimentando as atividades propostas para as crianças, apreendendo o conteúdo do tema gerador, trocando experiências e conhecimentos, avaliando o trabalho e colaborando no aperfeiçoamento. Isso fortalece também as redes de professores, que contam com um website para acesso a conteúdos e divulgação dos desdobramentos, disponível também para os alunos.

Na data agendada, alunos e seus professores participam do encontro acompanhados pelos mediadores ambientais do Instituto Curicaca, que são técnicos e estudantes de diversas áreas preparados para tal. Cada encontro inclui vivências no ambiente natural, acesso ao conteúdo de painéis interativos, brincadeiras e jogos cooperativos, trilhas interpretativas, atividades de sensibilização, arte e expressão, reflexão ambiental e proposição de ações práticas de desdobramento nas comunidades, através de um método seqüencial de atividades.

Outro braço da ação são os encontros de Trocas de Saberes nos espaços de interesse cultural da comunidade, como engenhos, salões comunitários, praças e centros culturais. São momentos onde comunidade, técnicos e pesquisadores compartilham suas experiências e conhecimentos, através de um debate organizado pela ONG e parceiros locais. Alguns temas das Trocas já realizadas são: “artesanato tradicional com fibras naturais”, “sistemas agro-florestais”, “Terno de Reis”, “patrimônio arqueológico regional”, entre outros.

Os resultados da Ação Cultural de Criação até agora têm mostrado que ela proporciona ampliação das capacidades de conscientização e de sensibilização das pessoas para o meio ambiente e a cultura local, faz com que se reconheçam como parte do lugar onde vivem, apreendendo conhecimentos contextualizados aos processos ecológicos de cada região e provocando iniciativas de transformação da realidade local. Percebe-se também a diminuição da agressividade e o desenvolvimento de valores éticos e ecológicos, o fortalecimento de grupos e a maior cooperação entre as crianças e com os professores. Dentro da Ação Cultural, a Ação Educativa tem qualificado os professores como multiplicadores do trabalho, renovando princípios e métodos pedagógicos, ampliando conhecimentos, avaliando resultados, aperfeiçoando e apoiando a formação de redes. Muitas das dinâmicas lúdicas aplicadas na Ação têm sido replicadas nas escolas para os demais alunos e os conteúdos abordados têm sido aprofundados e rediscutidos no contexto da escola e seu entorno. Inclusive, novos projetos ambientais voltados para a problemática das comunidades foram elaborados por alguns dos professores que participam do processo. As Trocas de Saberes têm incentivado a comunidade a valorizar seus recursos simbólicos e culturais, a usar de forma mais racional os recursos naturais e a fortalecerem-se como seres criativos, autônomos e conscientes. A iniciativa de moradores da localidade São Braz em promover um encontro sobre o Terno de Reis é uma consequência. Por parte da comunidade científica têm provocado processos de desencastelamento, difusão e regeneração de conhecimento. A disciplina de biologia da conservação da UFRGS re-alinhou suas saídas de campo para intensificar a interação com o etnoconhecimento local.

A análise do processo e dos resultados dessa nova fase da Ação Cultural, acontecida nos últimos cinco anos, confirma a importância da articulação das três estratégias essenciais de uma ação cultural de criação reconhecidas na primeira ação cultural da ONG Curicaca – “Nossos Retratos: fotografias de álbuns de família” –, ou seja, o olhar-afeto, o olhar-identificação e o olhar-apropriação. Uma ação cultural, assim como qualquer processo de conscientização, não existe como algo acabado, mas sempre se renova em cada prática, com cada grupo e em cada novo local. Ao ser reinterpretada, a metodologia da ação cultural de criação se consolida como uma alternativa possível para processos sistêmicos e transformadores de educação e cultura.

Referências Bibliográficas

BOHRER, Patrícia. **As estratégias da ação cultural de criação – “ Nossos retratos, fotografias de álbuns-de-família”**: uma experiência de educação ambiental da ONG Projeto Curicaca. 2002. (224 f.) Dissertação (Mestrado em Educação Popular e Movimentos Sociais) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2ª ed., 1999. 383 p.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7ª ed., 1984. 147 p.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 4ª ed., 1980. 102 p.

_____. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 5ª ed., 2001. 120 p.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 23ª ed., 1999. 79 p.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: EDUSP, 2000. 134 p.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 27ª ed., 1999. 184 p.